MARIOLOGIA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO: a Maria das 'prédicas aos Canudenses'

Izaias Geraldo de Andrade[1]

Introdução

Esta é uma reflexão sobre o fato de que Antônio Conselheiro não poderia ter um conhecimento apurado e sistematizado dos estudos que envolveram e envolvem a investigação sistemática sobre o papel de Maria na Soteriologia Católica[2] (Mariologia), mas que seus escritos não deixam dúvidas sobre seu conhecimento, capacidade teórico pedagógica[3]e interpretativa da Bíblia sob uma ótica católica popular, com mais de vinte anos falando ao povo, tendo ao longo deste tempo um grupo de mais de vinte mil seguidores.

Sob a perspectiva das Ciências da Religião, teologia popular e da devoção popular à Maria, refletiremos sobre os principais estudiosos que abordaram em suas pesquisas o conteúdo das 'prédicas aos Canudenses' de Conselheiro. Nossa principal questão é: Que Maria Antônio Conselheiro mostra aos seus seguidores, e o porquê? Pergunta conjugada, que tentaremos entender através do aprofundamento da análise de conteúdo da prédica, "Tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação", texto extraído do conjunto de 'prédicas aos Canudenses', no qual o beato discorre sobre vários temas católicos, mas majoritariamente sobre as "Dores de Maria". Discutiremos através das pesquisas de Fiorin (1985), Otten (1990), Andrade (2006) entre outros, que comporão a análise bibliográfica. Nossa justificativa é a importância dos textos sobre Maria nos escritos de Antônio Vicente Mendes Maciel, qual seu objetivo, como suas palavras teriam fundamental contribuição para animar o povo sofrido, maltratado pelo clima, pelas condições sociais pela organização política do país e pela guerra injusta que já iniciara. Durante muito tempo a história oficial/conservadora descreve um personagem louco, fora da realidade, narrativa essa que só foi completamente

[1] Email: izaiasgandrade@yahoo.com.br – (081) 984414432. Doutorando em Ciências da Religião, UNICAP.
[2] Murad (2012), história e sistemática de como deve ser um estudo de Mariologia em sintonia com a Cristologia.
[3] HOORNAERT, E. **Conselheiro o negociador do sagrado.** IN: BRANDÃO, S. (Org.). História das religiões no Brasil. Recife: Editora Universitária - UFPE, 2001.

negada nos anos setenta do século vinte, com a publicação de parte dos textos de Antônio V. M. Maciel, o Conselheiro, por Nogueira (1974).

Vários pesquisadores se dedicaram a pensar tais escritos e nós no Mestrado e agora no Doutorado em Ciências da Religião, enxergamos no conjunto de escritos deixados por Conselheiro, um rico corpus que, ao mesmo tempo fala de indivíduo, sociedade, justiça, religião e de devoção. Há fundamental importância em se analisar a forma que o beato pregava o cristianismo e a devoção a Maria, para compreender, no contexto do nordeste brasileiro, a fé e a religiosidade popular do sertanejo da época e atual.

Religiosidade/Religião popular e Maria

O quadro em que se configurou a devoção a Maria e até a fé no seu poder, quase como uma deusa, foi um quadro de religiosidade popular, pois a teologia primeira dos judeus e posteriormente dos cristãos era uma teologia patriarcal que se ligava a uma cultura e sociedade patriarcal. Para Meslin (2014, p. 297) a noção de religiosidade/religião popular "apresenta um exemplo particularmente claro das relações estreitas que ligam a expressão de uma vida religiosa a um ambiente sociocultural preciso". Ainda segundo Meslin, religiosidade/religião popular:

> É realmente uma forma de experiência religiosa vivida empiricamente por fiéis. É um organismo vivo e não um conjunto mais ou menos desigual de práticas superadas – que se desenvolve transformando-se. Sua existência é a manifestação de uma religiosidade original que se traduz por atitudes características [...] como [...] desejo do homem crente de estabelecer com o divino relações mais simples, mais diretas e mais... benéficas (MESLIN, 2014, p. 309).

Dentro dessa perspectiva antropológica é possível observar todo um dinamismo no ambiente teológico/popular do catolicismo, onde a veneração de santos se faz presente. O caso mais complexo e que se tornou um emblema e um desafio para a Igreja Católica é Maria, a "Santa Mãe de Deus". Segundo Murad (2012) os relatos sobre a dignidade/santidade de Maria remontam aos debates cristológicos acerca da natureza humana/divina de Jesus, e no séc. III já se encontram presente no protoevangelho de Tiago que trazem histórias piedosas, bem como nos apócrifos. Mas é na "Idade Média que se presencia o crescimento da piedade Marial, que culmina com o Tratado da Santíssima virgem de São Bernardo de Claraval" (MURAD, 2012, p.17).

Dorado (1992), na “Mariologia popular latino-americana” alinha-se a Murad (2014) e esboça uma Mariologia sistemática de acordo com a perspectiva teológica Católica. Seu trabalho presta-se a delinear a configuração da mariologia do povo latino-americano e busca soluções para superar os obstáculos de uma crença que embora “revelada” estaria eivada de problemas socioculturais. Assim a Mariologia popular tem, no mínimo, duas faces: de um lado os teólogos católicos progressistas propagam e defendem uma teologia popular da libertação, equilibrada e com ela uma Mariologia libertadora; do outro o povo vive uma religiosidade popular com uma Maria/mariologia “Maximalista” do dia-a-dia. A hermenêutica de Dorado (1992) se refere, empiricamente, à documentação da história colonial da América dita espanhola, no entanto tal interpretação cabe, de forma geral, à América dita Portuguesa, pois os processos de apropriação, dominação e colonização de ambas Américas foram semelhantes e coube à Religião e a Maria, um papel importante e ambíguo, ora do dominador, ora do dominado.

Também sobre a teologia popular e suas formas de estudo; diz Dorado que a definição de teologia “Supõe que a revelação se incorpora ao homem mediante a fé, constituindo-o crente, o homem não só aceita a fé, a humaniza, organizando-a de forma coerente, todo crente, pelo fato de ser homem, é simultaneamente teólogo” (DORADO, 1992, p.15). E mais, na linha progressista do CFT, teólogo é “aquele que, em uma das mãos tem o texto sagrado e na outra, as últimas notícias de sua comunidade/sociedade.” (CONSELHO FEDERAL DE TEÓLOGOS, 2017)

Interpretações sobre Canudos e Conselheiro a partir das ‘prédicas aos Canudenses’

Para Nogueira (1974), depois que conheceu as Prédicas, o Conselheiro foi, apenas, “homem de fé”, e é a partir dessa constatação que se propõe a Revisão Histórica do Movimento de Canudos e da bibliografia do Conselheiro. Fiorin (1980) analisa linguisticamente o discurso do Conselheiro contido nas prédicas e extrai desse a cristologia, a mariologia e a eclesiologia do beato, vendo nelas um processo de reprodução ideológica da Igreja Católica tridentina, no entanto, sua análise crítica radical levou-o a negligenciar o fato de que os Canudenses lutaram contra o Estado apoiado pela cúpula eclesial brasileira da época. Para Otten (1990), a partir de sua

hermenêutica, as prédicas do Conselheiro foram “um esforço redatorial” que faz justiça à fama desse pregador sertanejo, porém fica longe de uma teologia. O que Otten como outros não percebeu foi que os sermões do beato eram anotações para exposição oral aos seus seguidores e que se relacionavam a episódios do dia-dia do arraial de Belo Monte, como a guerra iminente. Dobroruka (1997) também se preocupa com as prédicas do Conselheiro, mas enfatiza a contradição entre os relatos orais que atribuem ao beato discursos messiânicos e o conteúdo dos seus manuscritos, isentos desse discurso. Já Silva (2005) discute e percorre fatores importantes relacionados aos sermões de Conselheiro, sua perspectiva vai em contramão à de Fiorin, mostrando como esse a grande importância das prédicas para uma compreensão de Canudos, mas discordando totalmente sobre as intenções políticas e ideológicas que Fiorin atribuíra a Conselheiro. Silva coloca toda uma capacidade revolucionária no centro da religiosidade popular do beato e seus seguidores. Andrade (2006) desenvolveu uma interpretação sobre as prédicas ‘Dores de Maria’, na qual as chama de ‘verdadeira teologia Marial’, e que faz jus à participação e importância das mulheres no sertão dos pobres e na comunidade de Belo Monte.

Por fim, para Andrade (2008), além do que já foi discutido acima, é preciso considerar que “dentro das ideias cristãs, populares a de maior relevância é a de que Deus faz justiça aos injustiçados, pobres e sofredores; que no catolicismo popular, Maria é a grande mediadora dessa justiça e que os manuscritos do líder de Belo Monte foram escritos em Canudos entre o início e o fim da guerra imortalizada em “Os sertões” (Cf. CUNHA, l993). Portanto a decisão e comportamentos de Maria “cooperando para nossa redenção”, equivale a dizer que o canudense precisa comportar-se como a mulher e decidir-se pelo “justo”, como ela, em frente a um destino incerto ligado à guerra que havia começado.

“Tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação”(Antônio Conselheiro in NOGUEIRA, 1978, p. 55-56)

> **Primeiro ponto**
>
> Recolhida em sua casa e dando a cada ocupação o tempo conveniente, era o tempo da oração a que a Senhora se entregava de modo admiravelmente exemplar. Era ali que com fervor extraordinário dirigia suas súplicas ao Deus de seus pais a fim de abreviar a vinda do Justo. E é quando de

> repente vê diante de si o embaixador celeste mandado da parte do Senhor e a anunciar-lhe que ela estava destinada a ser Mãe deste mesmo Justo, por cuja vinda tanto suspirava. Maria perturba-se, não duvidando do poder de Deus, mas temendo ver diante de si um jovem com semelhante embaixada. Por entre as agitações em que luta o seu coração, diria consigo mesma: Não passo de obscura filha de Israel: donde, pois, pode vir merecimentos para tão alto destino? deverei crer na realidade desta embaixada ou alguma ilusão veio assaltar a paz do meu espírito, o repouso de minha alma? - Meu Deus, meu Deus, acrescentaria a Senhora, em tudo e por tudo sede a minha luz.
>
> **Segundo ponto**
>
> Estando Maria nesta perturbação, o Anjo a tranquiliza, dizendo respeitosamente que não temesse pois Deus a escolhia para sua Mãe. Mas a Senhora tendo só em mente a conservação da preciosa joia de sua virgindade, responde: Como poderá isto assim acontecer se eu sou virgem e Virgem quero permanecer? oh! como a incomparável Maria nos dá neste passo uma lição sublime! perturba-se à vista do enviado celeste, este a tranquiliza e lhe explica o mistério dizendo que será Mãe do Messias, sem deixar de ser a flor das Virgens, pois Deus, que é a mesma santidade, é quem vinha nela encarnar. Admiremos, pois, em Maria tanto temor nesta saudação, tanta prudência na resposta e tanta cautela no zelo da sua virgindade.
>
> **Terceiro ponto**
>
> Exposto, como vemos, aos olhos de nossa consideração o comportamento de nossa Mãe Santíssima, convencidos das agitações porque passou o seu coração neste mistério, perguntemo-nos a nós mesmos que temos feito para corresponder ao seu amor?
>
> Ah! não sejamos mais ingratos, meditemos no muito que devemos à Senhora; contemplemos que, se neste bem como nos outros mistérios jubilosos aquele sublime Coração perturba-se pelo modo porque eles se operam, confunde-se por se ter na conta de insignificante serva do senhor, e sente por ver que o seu Deus não pode redimir o gênero humano sem passar pelas maiores humilhações: contraímos com isto grande dívida para com a Senhora, vendo o modo por que vai cooperando para a nossa redenção.

O título mostra que Maria questiona a anunciação e é justamente esse questionamento sobre a natureza da mensagem que deixa a mulher aflita e resistente, (tempestade). A resistência dela é mantida durante todo texto e é desenvolvida uma narrativa em cujo ápice dilui-se a tempestade em aceitação. O texto expõe os afazeres da mulher dividindo-os em humanos (mundanos) e religiosos (sagrados). Dentre os dois é dada preferência aos sagrados, pois esses proporcionaram a “vinda do justo”. A mulher é surpreendida por um interlocutor (anjo) que anuncia a mensagem. Ela questiona seu merecimento em relação ao enunciado e a natureza do evento (se ilusão ou realidade). A segunda parte da prédica retoma o tema do primeiro ponto. O desenvolvimento termina por resolver os conflitos (tempestades) suscitados na parte anterior da prédica. Isso não antes

mesmo de a mulher questionar a forma de nascimento do messias, impondo seu desejo de continuar intocada sexualmente. Ao fim do sermão, predomina o gênero textual ligado aos conselhos. São significativos os verbos imperativos, porém sempre na primeira pessoa do plural: “meditemos”. Esse procedimento textual é indicativo de humildade e inclusão no grupo, característica, aliás, do comportamento do Conselheiro. Assim esse último ponto constitui-se num apelo ao exame de consciência (reflexão). Que tipo de comportamento temos comparado ao exemplo dado por Maria?[4]

Enfim, a observação que, no título, Maria questiona a anunciação, confirma-se nos dois primeiros pontos do texto, pois é justamente esse questionamento que a deixa aflita e confusa. Esses sentimentos são mantidos durante a prédica, tanto parte à parte, como para o total, sendo que de forma geral e finalmente prevalece a fé e o comportamento condizente com a caridade mariana, além disso o ouvinte/leitor é convidado/convocado a agir como ela. O primeiro momento da prédica representa uma espécie de intervenção divina na vida humana, No segundo, observa-se a reação do ser humano frente à interpelação que Deus faz, e, no terceiro, há uma possibilidade da união do homem com Deus a partir do exemplo de Maria. A possibilidade da união com Deus, porém, é claramente prescrita: pela imitação do comportamento de Maria, que é um convite avesso à passividade; a narração mostra uma mulher em duas atividades (afazeres domésticos, profanos; afazeres religiosos, sagrados). Existe algum motivo para que os afazeres mundanos não sejam especificados, enquanto que os religiosos são as orações, súplicas pela vinda do justo. Inferimos então que as atividades mundanas não importam tanto quanto as religiosas que podem inclusive causar a vinda da justiça divina[5], na qual estão incluídas todas as espécies de justiça (DUQUOC, 1980). Existem boas possibilidades de ser por isso que algumas testemunhas da guerra narram que, em pleno bombardeio, o sino repicava chamando os fiéis à oração.

---

[4] Fiorin afirma que a intenção do Conselheiro é fazer com que os Canudenses imitem Maria, no entanto a concepção que ele julga ser a do beato em relação a Maria é uma concepção patriarcal clássica, enquanto o conteúdo e alguns trabalhos como o de (DORADO, 1992), mostra que Maria é segundo a tradição popular também uma mulher guerreira. A concepção que Conselheiro tem de Maria está entre a clássica e a popular.

[5] Sobre a concepção de justiça de Deus a Teologia desenvolveu estudos sobre a teoria do “servo sofredor” e com ela também a concepção do Reino de Deus ou justiça de Deus. Estes estudos esclarecem a concepção de justiça divina e entre eles encontramos a obra ‘Cristologia: Ensaio dogmático II, o messias’, de Christian Duquoc.

Considerações finais

A Religião popular e a religiosidade popular católica têm como peculiaridade a fé em uma intermediação entre o sujeito e o Deus absoluto, tão abstrato quanto distante da realidade cotidiana do povo. Assim os santos desempenham o papel de intercessão; esses seres são justamente aqueles que estão entre o sagrado e o profano e que podem suprir o “desejo do homem crente de estabelecer com o divino relações mais simples, mais diretas e mais benéficas”. A crença no poder de intercessão de Maria como santa é quase tão antiga quanto a Igreja e veio para as Américas com os conquistadores e colonos com tal ênfase que foi da ‘Maria Conquistadora à Libertadora’. E são nos interiores e sertões, distantes dos controles eclesiásticos que as devoções a Maria vão se tornar verdadeiras teologias populares. Para interpretar Canudos e Conselheiro a partir das “Prédicas aos Canudenses”, no sertão nordestino, os vários estudiosos citados no item três acima, partiram de perspectivas diferentes e válidas. No entanto, levando em conta que o teólogo interpreta o sagrado de olho no contexto comunitário, social e histórico e que assim Conselheiro pode ser considerado teólogo popular, então uma das formas de compreender a imitação de Maria (na prédica analisada) pelo beato e seu povo é no contexto da guerra que já começara em Canudos. Dois meses antes de ter-se escrito a primeira ‘Dor de Maria’, e dez dias depois da produção do texto, houve o primeiro confronto da segunda expedição militar contra Canudos.

Sob a perspectiva do líder popular e os seguidores Canudenses que estabeleceram entre si uma mensagem contextualizada, um possível raciocínio seria: além de aceitar a missão, o guerreiro canudense poderia se inspirar nas qualidades de Maria expressas nas prédicas para combater, e precisaria de (temor, humildade/prudência, cautela/reflexão, fé/esperança, pudor/retidão), sendo a guerra expressão de uma intervenção divina na terra e ou da injustiça humana. O guerreiro a recebe com temor, com cautela e prudência, avalia a situação e, sem perder a sua “virgindade”, age em testemunho do justo/ justiça. Dessa forma, a mensagem do texto pode servir também para o homem em outras situações. Sem uma mariologia dogmática, a Maria apresentada pelo Conselheiro, questiona, e inteligentemente abraça a causa de Deus e de seu povo (Israel/canudenses), se contextualiza a partir da situação histórica, social, cultural e psicológica do seu devoto.

Referências

ANDRADE, Izaias Geraldo de. **Rogai por nós agora e na hora da nossa morte:** O discurso religioso e as injustiças da sociedade nas prédicas “Dores de Maria” de Antônio Conselheiro. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.

ANDRADE, José Wilson. **A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos:** aspectos eclesiológicos da Comunidade de Antônio Conselheiro. 2006. 196f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Instituto Santo Inácio/Faculdade Jesuítica de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** 124. ed. Trad. Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1632 p.

CONSELHO FEDERAL DE TEÓLOGOS. **Teologia da Religiosidade Popular**. Disponível: www.cft.org.br/?dinamico/1422, acesso em: 19 out. 2017, às 15:38h.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 12 eds. Rio de janeiro: Ed. Francisco Alves, l993.

DOBRORUKA, Vicente. **Antônio Conselheiro, profeta do Sertão.** Versão modificada de texto lido na mesa redonda para o Seminário Nacional de Revisão Historiográfica do Centenário de Canudos. "O sertão vai virar praia", de 5 a 6 de junho de 1997.

DORADO, A. G. **Mariologia popular Latino-Americana:** Da Maria conquistadora a Maria libertadora. São Paulo: Loyola, 1992.

DUQUOC, Christian. **Cristologia:** Ensaio dogmático II, o messias. Trad. Atico Fassini. São Paulo: Loiola, 1980.

FIORIN, José L. **A ilusão da liberdade discursiva**: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro. 1980. 301f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

HOORNAERT, E. **Conselheiro o negociador do sagrado.** IN: BRANDÃO, S. (Org.). História das religiões no Brasil. Recife: Editora Universitária - UFPE, 2001.

MURAD, Afonso. **Maria:** toda de Deus e tão humana. São Paulo: Paulinas, 2012.

NOGUEIRA, J. C. de Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos.** 2. ed. São Paulo: Nacional, 1978 (Col. Brasiliana, v. 555), p. 212.

OTTEN, Alexandre H. **Só Deus é Grande:** a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1990, p. 393.

SILVA, José Maria de Oliveira. Guerra de Canudos: prédicas em debate. **Revista Proj. História.** São Paulo, 2005, p. 265-276.